

Educação e Lazer

MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA *

Considerações em torno do tema educação e lazer: conceituação, formas ativas e passivas de lazer e problemas de seleção de atividades, de tempo, espaço disponível. Análise do papel da escola e da biblioteca na formação de hábitos de lazer, entre eles o da leitura.

«Sempre ganhei a vida sem trabalhar. Eu adorava escrever livros e artigos para revistas. Era como se estivesse jogando bilhar».

Mark Twain, aos 73 anos

«Seu filho fez 6 anos? Escola nele». Do Censo Escolar das Secretarias Municipal e Estadual de Educação — Belo Horizonte.

«— E todo mundo que quer ser gente vai para a cidade?

— Vai, claro. Na cidade não falta nada!»

* Professora dos Cursos de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia e Faculdade de Letras da UFMG.

— Era o que eu pensava — exclamou Cândido excitado. E quando é que você sabe se já virou gente?

— Não sei, respondeu o homenzinho pensativo. Talvez no dia em que conseguir comprar um radinho de pilha.»

Carlos Eduardo Novaes
Cândido Urbano Urubu

Os namorados
já dispensam seu namoro:
quem quer riso, quem quer choro
não faz mais esforço, não.
E a própria vida
ainda vai sentar sentida,
vendo a vida mais vivida
que vem lá da televisão.

Chico Buarque de Hollanda
A Televisão

As considerações em torno do tema Educação e Lazer exigem inicialmente algumas colocações nossas relativamente a esses dois elementos.

Por educação entendemos todas as formas (voluntárias ou não, programadas ou não) de influência na direção ou orientação do crescimento do ser humano. Decorre dessa conceituação que *viver* é educar-se e educar. Não diríamos como Guimarães Rosa que “viver é muito perigoso”. Diríamos, sim, que viver é extremamente sério: não podemos precisar que atitudes ou que estímulos terão influência, maior ou menor, favorável ou negativa, no desenvolvimento de cada pessoa, nesse processo assistemático de educação. Decorre ainda da conceituação que a educação sistemática, a cargo mais normalmente da escola, não pode pretender menos do que influenciar o modo de vida do indivíduo depois que ele deixa os bancos escolares.

Para conceituar lazer, recorremos ao sociólogo francês, especialista em lazer, Dumazedier: "... as atividades de lazer encontram-se circunscritas no mesmo tempo livre, não apresentando qualquer caráter de necessidade ou obrigação. Não visam à obtenção de um pagamento; colocam-se à margem das obrigações familiares, sociais, políticas e religiosas. São desinteressadas (...). São realizadas livremente a fim de proporcionar satisfação aos indivíduos que as praticam". (1)

Essa caracterização de lazer leva-nos a questionar determinados pontos: É lícito falar em lazer num país "em fase de desenvolvimento", em que a grande massa populacional não consegue satisfazer às suas necessidades básicas de alimentação, vestuário, habitação? Até que ponto lazer se opõe ao trabalho?

Somente depois de responder a essas perguntas parece-nos possível caminhar para a análise do papel da escola na formação de hábitos de lazer, entre eles o da leitura.

Está provado que o lazer também é uma necessidade básica. É indispensável à saúde tanto mental quanto física. A diversão, no sentido etimológico do termo, a mudança de direção nas atividades obrigatórias e diárias, é alimentação de nossas energias e reorganização de nosso potencial.

Por isso mesmo, o pau-de-arara apresentado por Carlos Eduardo Novaes em *Cândido Urbano Urubu* se julgaria gente quando sobrasse dinheiro para "um extra" — o radinho, forma de lazer importante para as camadas sociais menos favorecidas economicamente.

1. DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo, Perspectiva, 1973, p. 270.

Assim, todos procuram formas de lazer — milionários ou pobres, crianças ou adultos — e sempre tentando equacionar os problemas ligados a três limitações: tempo, espaço, dinheiro. Obviamente, nem todas as formas de lazer supõem gastos, nem espaços especiais, mas todas exigem disponibilidade de tempo.

Nesse sentido, podemos dizer que exatamente os indivíduos que não dispõem de tempo para o lazer, em geral os que devem cumprir muitas horas extraordinárias de trabalho para garantir a sobrevivência (ou os que trabalham além do necessário para garantir a multiplicação da fortuna) vão continuar sendo sempre os mais carentes, física, intelectual ou espiritualmente, porque com eles não se dá a revitalização — consequência da organização pessoal e frutífera de seu tempo livre.

Se todas as formas de lazer têm sua importância (mesmo o “dolce far niente”), algumas delas são mais enriquecedoras do que outras. Quanto a esse aspecto, devemos distinguir no lazer as formas passivas (as que repousam, estabilizam o indivíduo) das ativas (aqueelas em que a pessoa se ativa física ou mentalmente). Enquanto as primeiras são consideradas por muitos como alienantes, as últimas são unanimemente compreendidas como mais compensadoras e revitalizantes. Acreditamos que o “repouso” também é vital, e que o ideal seria estar o lazer passivo equilibrado por formas ativas de lazer. Nestas, o indivíduo se torna produtivo, reflexivo e criativo, e não se ressentir do esforço dispendido (às vezes muito grande), porque voluntário e gratificante.

Nem sempre, portanto, lazer se opõe a trabalho. O esforço e o cansaço são razões de descontentamento na medida em que o trabalho não está plenamente justificado, carregado de motivos para o indivíduo.

Mark Twain, profundamente empenhado no seu “ofício”, considerava-o uma distração.

O lazer é ainda, pela própria definição, uma das principais formas de expressão do povo, através das quais reage e faz implicitamente sua reivindicação pessoal e social. Se ele não tem formas ativas de lazer, ou se elas não são definidas por ele próprio, mas criadas artificialmente e dirigidas de fora, então o povo está perdendo uma de suas últimas chances de livre expressão.

Um dos problemas relativos ao lazer é, por conseguinte, a seleção de atividades que faz o homem para preencher seu tempo livre.

Não só o momento cultural que vivemos (o da massificação marcante em todo o mundo), mas nossas condições peculiares de desenvolvimento sócio-econômico-político fazem o brasileiro ter sobretudo um lazer passivo. Numa pesquisa feita no primeiro semestre de 1978 entre nossos alunos do curso superior de Letras, verificamos que a televisão é incrivelmente “mais consumida” do que cinema, teatro, esporte e ... livros. Repetiu-se o resultado obtido numa pesquisa nossa de 1972, em que foram consultados alunos da 5^a à 8^a séries.

Apesar de alguns dissidentes afirmarem o contrário, a televisão é considerada pela maioria dos especialistas em comunicação, psicólogos e educadores como uma forma passiva de lazer. Sem entrar no mérito da programação das TVs, mas atendo-nos simplesmente ao valor do veículo de comunicação, achamos que a televisão cumpre seu papel de lazer. O grande problema, em nossa opinião, é que ela não tem concorrentes, e isso não é culpa dela: nós, adultos e educadores, não criamos a concorrência, nós próprios excelentes “consumidores de TV”. E, sem concor-

rência, apresentem o que apresentarem (violência, sexo, chanchadas), continuarão seus programas com ótimos "ibopes".

Por último, o problema que se coloca agora, já encarando mais de perto a criança, é o seguinte: que tempo e que espaço têm nossas crianças e adolescentes para o lazer? De que formas ele se reveste?

Para as crianças e jovens que estudam e/ou trabalham, o tempo de lazer não é muito grande: as tarefas escolares tendem a ser longas em excesso, e, se o aluno trabalha, as dificuldades crescem incrivelmente.

Dentro do tempo disponível para o lazer, crianças e adolescentes divergem profundamente nos divertimentos, conforme habitem pequenos ou grandes centros urbanos. Mesmos nos grandes centros, há opções diferentes de lazer, segundo zonas residenciais. O jornal *O Globo*, de 25-06-1978, publicou extensa matéria sobre o lazer das crianças no Rio de Janeiro. Mostra que nos subúrbios o grande número de crianças favorece as atividades lúdicas tradicionais e ligadas ao folclore (amarelinha, chicotinho-queimado, pique, rodas, etc.), brincadeiras inexistentes na zona sul carioca, pela falta não só de espaço como dos grupos de amigos. O sociólogo Carlos Alberto Medina acredita que o lazer em menor escala e menos inventivo da criança na zona sul se deve em grande parte a uma posição definida pela família classe-média ou alta quanto à utilização daquele que seria o tempo livre do menino: "Como daqui a pouco ele vai começar a trabalhar, é melhor ir-se preparando para uma profissão". E começam outros cursos (de línguas, por exemplo) a entrar na vida do menino. Nos subúrbios vingaria o pensamento contrário: "Como daqui a pouco ele tem de trabalhar, é bom que ele aproveite para brincar enquanto é tempo".

Nas cidades pequenas, marcadas por uma vida mais pacata, mais ligada à natureza e às formas de cultura tradicionais, a criança e o jovem têm maiores possibilidades de criação de um lazer próprio.

Uma vantagem inegável dos grandes centros sobre os pequenos é a freqüência ao cinema e ao teatro — possibilidade praticamente inexistente nas pequenas cidades. Nem mesmo as grandes capitais têm freqüentemente esse privilégio. Belo Horizonte, terceira cidade brasileira, gozando de um razoável conceito no campo da educação e da cultura, apresenta um teatro bastante acanhado, qualitativa e quantitativamente, para todas as idades.

Do Rio de Janeiro e de São Paulo, mais do que outras cidades brasileiras, não se pode dizer o mesmo. Segundo nos informou Tatiana Selinky, nome mais que responsável no que se refere a atividades culturais para crianças e adolescentes, no ano de 1977 o teatro infanto-juvenil em São Paulo apresentou aproximadamente 60 espetáculos, entre os quais 40 estréias, com uma grande diversificação de gênero e temática. Muitas montagens foram consideradas pela especialista como de excelente nível.

E qual tem sido a posição da escola com relação a lazer? Que formas de entretenimento tem ela incentivado? Tem a escola alimentado uma atitude positiva do aluno para com o livro?

Parece-nos que as respostas a nossas perguntas são negativas. Os motivos disso ultrapassam os limites de uma metodologia de ensino: é um problema de filosofia de educação — em outras palavras, filosofia de vida.

Que a escola não é exatamente o que poderíamos chamar de “espaço e tempo de vida agradável” fica atestado na própria propaganda: “Seu filho fez 6 anos? Escola nele”. Já souou a hora de sofrimento...

Realmente, lazer e escola têm sido termos antagônicos. E, assim como não se opõem trabalho e lazer, não se deveriam distanciar lazer e aprendizagem. E isso se verifica porque a escola funciona desvinculada da realidade do aluno. É como se por 3 ou 4 horas a criança ou o jovem desse esquecer a vida (inclusive a língua viva que ele usa) e tentar compreender um mundo diferente de suas preocupações, necessidades e desenvolvimento, apresentado pela escola.

Os estabelecimentos de ensino estão voltados para a aprendizagem formal. Basta analisar objetivos e conteúdos programáticos dos programas oficiais para atestar isso. Há uma extraordinária sobrecarga de objetivos da área cognitiva, em detrimento dos domínios psico-motor e afetivo.

A escola pressupõe que a área cognitiva se desenvolve mais facilmente sem a sua ação sistematizadora e que outras florescem independentemente dela.

Essa nos parece uma posição perigosa. Primeiro, porque a escola está divorciando partes de uma estrutura complexa. Segundo, porque querendo ou não — a escola estará sempre criando no aluno atitudes, valores, preferências... e sobretudo aversões.

E o grave é que nossa escola não está sequer desenvolvendo eficientemente a área cognitiva: os programas detêm-se sobretudo nos estágios de conhecimento e compreensão, enquanto a análise e a avaliação — caminho para o espírito crítico e a criação — não chegam a ser atingidas. Bourdier e Passeron, em seu livro *A reprodução*, analisam a escola como elemento que não produz, mas apenas reproduz, não podendo, portanto, desenvolver muito mais que os reprodutores.

Convém lembrar, no entanto, que a educação não é um fenômeno isolado e que normalmente está a serviço de, ou, na melhor das hipóteses, é o reflexo

do pensamento sócio-político-cultural do sistema. Acaba sendo a representação do próprio pensamento da família com relação à educação dos filhos.

Ora, vivemos uma época de super-valorização do conhecimento, das informações. É uma fase muito semelhante à do Renascimento, em que o homem se julgava todo-poderoso (os gigantes Gargântuas e Pantagruel, de Rabelais, não são um acaso literário...) e queria tornar-se “um abismo de ciência”. Mas, como ocorreu também no fim do Renascimento, estamos caminhando para uma nova posição, e já se ouvem, aqui e ali, frases que soam próximas da de Montaigne: “Antes uma cabeça bem feita que bem cheia”.

Como, no entanto, a escola é um dos redutos mais conservadores de uma sociedade, ela ainda está mais ocupada com a acumulação de dados, com o conhecimento acadêmico.

O tempo para o lazer na escola não existe. A influência dela na organização do tempo livre da criança é a da exclusão: o aluno aproveita sua “folga” com qualquer coisa que *não seja* escolar. Porque ele não se sente envolvido pelos conhecimentos adquiridos na escola. Se ela promovesse atividades gratificantes, significativas, que o aluno fizesse com prazer, o esforço compensador se estenderia para além da sala de aula, até a vida do menino. O problema é a *maneira* como ocorre o ensino — aprendizagem. Estou me lembrando dos alunos do Picapau Amarelo, em Belo Horizonte, que pediam insistente para fazer determinados jogos — e eles simplesmente eram a aula de Matemática dos alunos. Não se tratava de *lazer*, mas de *prazer*. E se as escolas desenvolvessem na criança o prazer pelo que fazem, estariam ajudando a criar opções de lazer — e essa não seria nunca sua função menos relevante.

Há maravilhosos exemplos de escolas fugindo ao esquema pouco gratificante. Maravilhosos e poucos. Maravilhosos e pagos: na rede pública de educandários, a pressão do sistema e a mínima dotação de verbas para a educação exigem uma contenção geral — de despesas e talentos.

E, por grande que seja a boa vontade da escola particular, ela não pode receber um grande número de alunos carentes financeiramente.

Alguns exemplos dessas escolas: no Rio de Janeiro visitei o Centro Educacional da Lagoa, e, apesar de ser período de férias, a escola cheirava a criança. Sente-se lá que a escola é da meninada que opina, decide, organiza e reorganiza suas atividades. As “aulas” de música (voltada essencialmente para o folclore), de artes plásticas, de teatro estão ligadas à vida do menino, entram pelas outras atividades adentro, numa integração maior e mais possível, como proposta lá, do que a pretendida pela Lei 5692.

Em Belo Horizonte, as tentativas nesse mesmo sentido são várias. Conheço mais de perto a do Instituto de Puericultura Picapau Amarelo. É uma das experiências mais ricas da escola talvez seja no campo da linguagem. Desde o método de alfabetização — o fônico (mas com “textos” inteligentes e de bom gosto), a leitura e a expressão escrita caminham juntas num processo dinâmico, concreto e criativo. Apoiados no gesto e no canto, os sons da língua vão sendo “visualizados” pela criança, ligados a situações de comunicação. A primeira frase que ela “vê” é Ai!, que ela própria vai ilustrar. Compreender e expressar vêm sempre juntos: a exploração criativa de obras literárias e de poemas (houve um curso de iniciação à poesia, para alunos da 4^a série!) vem seguida da composição de livros e poemas, que fazem parte de

uma feira de livro anual. Os livros dos alunos são expostos ao lado das obras literárias infanto-juvenis, podendo estas ser compradas ali mesmo.

Em São Paulo não pude visitar nenhuma escola. Duas me foram recomendadas em especial: o Centro de Educação e Arte e o ILPERETZ, que utiliza a técnica Freinet.

Pelo Brasil afora, mesmo em Belo Horizonte, Rio e São Paulo, outros exemplos de magníficas escolas estarão sendo lembrados pelos que nos lêem (e como gostaríamos de ter notícia e de conhecer todas elas!). Mas o próprio fato de virem à lembrança um ou dois, ou dez casos desses, mostra que eles são o exemplo da exceção.

Outros trabalhos de grande relevância vão sendo desenvolvidos fora da escola "de aprendizagem formal". As Escolinhas de Artes são um extraordinário esforço no sentido de abrir os horizontes do professor — não só do professor de Arte. Lidando exatamente com o que é relegado a segundo plano no currículo regular — sensibilidade, o belo, a opção — têm feito florescer o que vinha sendo endurecido pela escola. Estão desenvolvendo o lazer produtivo, em larga escala. Exemplo notável do trabalho e da força educadora dessas organizações é a Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro.

As bibliotecas têm um papel relevante na formação de hábitos de lazer, se são verdadeiramente dinâmicas e integradoras.

A Biblioteca Infantil Monteiro Lobato está nesse caso. Ao lado da leitura informativa e da recreativa, mantém a "Sala de Artes", onde são recebidas crianças a partir de 5 anos e adolescentes até os 17, onde eles "podem expressar seu pensamento criador através do gesto, mímica, linguagem falada, expressão plástica ou musical".

Conta ainda a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato com o TIMOL, sua parte de teatro, voltado também para o espetáculo com bonecos e máscaras. Nesse teatro, feito por jovens e para crianças e jovens, todas as etapas da montagem de uma peça são vencidas pelos integrantes do grupo, num trabalho criador de equipe.

É claro que as pessoas que têm chance de viver nessas escolas ou de participar dessas atividades têm uma abertura maior para a vida, até para a aprendizagem formal.

Agora, a leitura. Essa, a forma de lazer mais abandonada. Por que nossas crianças e jovens, sobretudo os estudantes, lêem tão pouco? Acreditamos que culpar o "hoje em dia", a comunicação de massa, em especial a televisão, é uma atitude cômoda. Encontrada tão "facilmente" a causa, podemos continuar tranqüilamente na inoperância, sobretudo nós, educadores.

Acreditamos que o principal motivo de a leitura não vingar como lazer é ela ser "trabalhada" na escola. Lá, a leitura é apenas um elemento a mais do procurado desenvolvimento da área cognitiva. A literatura não é explorada enquanto arte, mas enquanto material verbal utilizável para possibilitar ao aluno adquirir mais conhecimento. Temos dito que, para felicidade dos alunos e da vida, a escola ainda não "descobriu" o teatro, a música, a revista em quadrinhos e a televisão como "instrutivos". Quando descobrirem, usando as mesmas técnicas aversivas empregadas para a "implantação" do hábito de leitura, mais essas formas de lazer estarão perdidas.

Pessoalmente, vemos a literatura na mesma perspectiva de todas as artes: tem que ser encaradas como opção. Assim como recebemos com naturalidade

a informação de que tal pessoa não gosta de pintura, ou de música, ou de televisão, ou de futebol, não nos deveria parecer quase uma falha de caráter a não opção pela literatura como lazer. Mesmo porque muitos de nós, adultos, professores de Comunicação e Expressão, bibliotecários, pais, não dedicamos nosso tempo livre para a leitura. A escola e a família vêem no livro, mesmo o literário — uma fonte de conhecimentos importantes para o aluno na sua vida futura. Como nós, adultos, já estamos nesse futuro, não lemos mais. Já aprendemos o de que precisávamos, já podemos voltar-nos para a televisão, a música, o futebol.

Para essa forma enviezada de ver a literatura toda a estratégia escolar é falha: o livro é imposto para a leitura, que deve ser feita até determinado dia, quando é avaliada, normalmente através de fichas ou provas (até de múltipla escolha). O melhor livro (e muitas vezes a própria escolha do livro é um lamentável engano!) tende, nessas circunstâncias, a se tornar fonte de suplício.

Como modificar esse estado de coisas? Parece-nos que a solução não virá a curto prazo. Virá sobretudo quando a universidade entender que a literatura infantil e juvenil é um assunto seu também, e sobre o qual ela deve investir em termos de pessoal e de pesquisa. Enquanto a literatura infantil e juvenil não for interpretada como matéria da maior seriedade e relevância, digna de figurar entre as disciplinas dos cursos de Letras, Pedagogia e Biblioteconomia, sua significação e sua utilização na escola estarão distorcidas. Muitos progressos já se verificaram, na valorização da literatura infantil e juvenil, graças a esforços individuais, e de algumas organizações importantes como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e o CELIJU.

Mas é importante — parece-nos — que a literatura não se separe nem como filosofia nem como prática das outras formas de arte. O que deve preocupa à educação não é exatamente criar no aluno *uma forma de lazer*.

Respeitando a individualidade, a experiência e o gosto de cada um, tem a escola o *dever* de explorar da maneira mais rica o maior número de experiências artísticas, fazê-las conhecidas pelos alunos. Mas o *direito* de escolha, de carregar consigo para o resto da vida essa ou aquela experiência, esse direito não pode ser negado a pessoa alguma.

Voltemos ao início: quanto maior for o número de experiências enriquecedoras, mais gratificante e mais produtivo será o lazer do indivíduo. Quanto mais produtivo o indivíduo, mais consciência e competência ele terá para expressar-se. Quanto mais e melhor ele se expressar, tanto mais ele promoverá sua liberdade e a de seu grupo.

Haverá objetivo mais importante para a educação?

**Considerations about education and leisure:
concepts, active and passive forms of leisure and
problems of selection of activities, available time
and space. Analysis of the role of schools and
libraries in the formation of leisure habits,
specially of reading habit.**

(Comunicação feita em 15/08/78, no Seminário Latino-Americano de Literatura Infantil e Juvenil — V Bienal Internacional do Livro. (SP).

Agradecemos aos que, através de entrevistas, cessão de trabalho, acesso a material, contribuíram para a elaboração deste trabalho: Bartolomeu Campos Queiroz (MG), Eliete Batista (RJ), Idaty G. Brandão Onaga (SP), Laura Sandroni (RJ), Maria Madalena Lana Gastelois (MG), Noémia Varella (RJ), Tatiana Belinky (SP) e a Equipe de Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (SP), em especial a Marcos Caruso e Luiz Portilhos).